

EPISTEMOLOGIAS QUILOMBOLAS: UM OLHAR PARA UMA NOVA HISTÓRIA

GEOMARA PEREIRA MORENO NASCIMENTO¹

INTRODUÇÃO

Esta proposta de pesquisa tem como campo de investigação a Comunidade Quilombola do Fôjo, situado no Distrito de Taboquinhas, município de Itacaré, no Território de Identidade Litoral Sul da Bahia, no Km 18 da Rodovia estadual BA-654, aproximadamente a 9 km da entrada da cidade de Itacaré, território no qual desenvolvi uma pesquisa de Mestrado pelo PPGER/CJA.

O estudo propõe compreender os marcadores objetivos e subjetivos que fortalecem uma concepção de Quilombos no Brasil a partir de um contexto escravocrata e colonizador. O tema da minha pesquisa é memórias quilombolas e processos identitários, que tem como objetivo, identificar a partir da memória e das narrativas dos/as moradores/as da Comunidade Quilombo do Fôjo, as tensões e dissonâncias entre as violências que permanecem e as formas de resistências inscritas na memória, a fim de analisar as potencialidades de uma outra sociedade inscrita nas perspectivas dos sujeitos daquela coletividade.

O que se almeja é construir uma narrativa na perspectiva dos quilombos contemporâneos, especificamente, no Quilombo do Fôjo, de forma a investigar de que maneira ocorre a formação dos quilombos no Território de Identidade Litoral Sul da Bahia, - os denominados pela Constituição Federal de 1988 de Remanescentes de Quilombos – quais as opressões e desafios enfrentados, e quais os elementos os unem em comunidade.

¹ Doutoranda no Programa de Pós- Graduação em Estado e Sociedade pela Universidade Federal do Sul da Bahia. Mestra no Programa de Pós- Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia.



A questão que se coloca para esta pesquisa é compreender quais são as formas de resistências, lutas e desafios que se apresentam para os quilombos na atualidade, considerando todos os retrocessos que vigoram desde 2018, e propor uma construção narrativa de um quilombo específico a partir de alternativa epistemológica que contemple uma narrativa pós-abolicionista.

Desse modo, a natureza deste estudo se justifica como uma possibilidade de (re) criar narrativas que contribuam para o rompimento da imagem colonizada dos quilombos na contemporaneidade, favorecendo a escrita coletiva de uma trajetória fundamentada nos desafios e tensões vivenciados pelos quilombolas no contexto pós-abolição.

Assim sendo, a questão-guia da pesquisa se orienta pela seguinte indagação, ainda em sua formulação inicial: de que formas a Comunidade Quilombola do Fôjo, (re)constrói sua identidade histórica e cultural, e como o (re)contar sobre os processos de constituição e sobrevivência da comunidade, considerando as feridas coloniais (FANON,2008;MOMBAÇA,2019) persistentes, pode contribuir para a inscrição política de uma identidade coletiva?

DE ONDE FALO, QUAL O MEU LUGAR NESTE CONTEXTO?

Começo descrevendo de forma íntegra o que consta no primeiro capítulo da minha dissertação de mestrado "Eu sou Geomara Moreno, mulher preta, periférica bisneta de Júlia Dias (*in memória*), neta de Bel (*in memória*), filha de Vera Lúcia, estas três mulheres negras, são a base da minha existência, são as minhas memórias ancestrais. São três gerações de mulheres que sempre obedeceram e permaneceram nos espaços que a elas foram destinados, e não estou criticando os seus posicionamentos, pois nos anos de 1922, data de nascimento da minha bisavó, haviam apenas 34 anos da fictícia abolição da escravidão, então suponho, que ela cresceu



sentindo em sua carne os tormentos no qual os povos escravizados vivenciaram. O que supostamente me levou para este campo de pesquisa, foi uma conversa que tive com um colega de trabalho, antes mesmo de iniciar meu projeto para o mestrado, conforme Nascimento (2021):

Estou como servidora da Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia, na função de Agente de Desenvolvimento Territorial, e um dia viajando com meus colegas de trabalho falamos sobre os quilombos do Território Litoral Sul, despertou – me o desejo de conhecer com mais afinco o quilombo do Fôjo, pois em uma fala de Gil Nunes, servidor da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR e coordenador de políticas para povos tradicionais, “ o fôjo é o único quilombo que quando a gente chega não ouve o som do tambor, eles são evangélicos” (NASCIMENTO, 2021, p.21).

Disse, supostamente, pois quando iniciei a minha pesquisa a certeza que eu tive a todo momento era de retorno, que segundo Nascimento (2021):

[...] nesse período descobri que minha avó Dalva (in memória) era descendente de pessoas escravizadas e que residia em Taboquinhas, na realidade sempre tive a certeza que caminhando por aquelas terras que emanam tanta força, de alguma forma eu estava voltando para casa (NASCIMENTO, 2020, p.21).

Ao caminhar pelo território quilombola do Fôjo, terra que pisou meus/minhas ancestrais, pude reencontrar-me com o meu eu, que estava ali. De alguma forma, aquele lugar me chamava, e me esperava, então, sinto –me em minha casa, e com um propósito, de recontar a verdadeira história do meu povo. História que foi negada nos registros históricos pela ideologia dominante, e que na contemporaneidade continua sendo reproduzida.

Diante do exposto, o meu lugar de fala é de uma mulher negra de família de remanescente de quilombo, e que se autorreconhece como uma mulher quilombola e que concomitantemente é reconhecida pela comunidade enquanto uma liderança quilombola.

O tema surge na medida em que observo que existe uma dicotomia



entre o quilombo pesquisado, e o que nos é apresentado pela historiografia brasileira. Em conformidade com a minha percepção, no contexto histórico relacionado ao surgimento dos quilombos brasileiros no período colonial, ainda é possível observar que, na atualidade, o conceito de quilombo descrito pelo Conselho Ultramarino em 1740, que dentre outras conceituações, tipifica quilombos como um reduto de negros fugitivos, continua vigente.

ROMPENDO E CONSTRUINDO NOVOS CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS

O modelo de ciência dominante é o de racionalidade científica, que constituiu-se a partir da Revolução Científica do século XVI e desenvolveu - se, primeiramente, tendo como base as ciências naturais.

A ciência moderna estabeleceu apenas uma forma de conceber e construir conhecimento, essa sendo a verdade absoluta, essa estrutura de conhecimento situa-se no ocidente e foi/é reverberada para o mundo como uma única verdade, pois vale salientar que “esse paradigma”, conforme Santos (2008) ainda é o campo da base teórica da ciência atual . Deve – se ponderar que nesse contexto eurocêntrico, o sujeito pensante é homem e branco, como bem dito por Descartes (1637), “Penso, logo Existo”, e para além, é ele quem existe. Dessa forma, percebe-se que o mundo foi/é regido por uma verdade que tem localização geográfica, etnia e classe social, e que de certa forma não “pode” ser contestada, que conforme Giannella (2007):

A partir dos princípios de (pretendida) objetividade, neutralidade e exatidão, a ciência se declarou o único saber válido, desqualificando qualquer outro através dos rótulos de superstição ou de magia. Constituiu-se como fundamento poderoso do sistema socioeconômico capitalista e tornou-se a base certa e incontestável para sustentar o processo de manipulação/exploração da natureza, com base na visão mecanicista dela (natureza) e na separação entre esta e o ser humano (GIANNELLA ,2007, p. 4).



Esse paradigma positivista/ cartesiano que transformou o mundo em máquina, que negou as suas subjetividades humanas, e considerou apenas os fatos e ocultou –lhes os valores. Como afirmam os autores: “A ciência moderna se caracterizou desde o início por usar procedimentos metódicos imparciais, isto é, livres de preconceitos, de gostos, de considerações de natureza valorativa, para estabelecer os fatos objetivamente” (cf. Mariconda; Lacey, 2001, p. 53-6).

Assim sendo, vale destacar que, a colonialidade é constituída na base hegemônica do conhecimento, na qual não permite outra epistemologia que não seja a ocidental dominante. É perceptível que a hegemonia epistemológica eurocêntrica, anulou/anula o conhecimento histórico e intelectual dos povos africanos que foram colonizados e escravizados, ao impor uma colonialidade do saber para a humanidade, e impondo também uma geopolítica do conhecimento.

Conforme a historiografia os quilombos foram caracterizados a partir de uma estrutura epistemológica colonial, que o caracterizou enquanto redutos de negros/as fugitivos/as, ocultando o verdadeiro desejo de fuga daqueles povos. A intelectual Beatriz Nascimento, ao construir um pensamento acerca dos Quilombos no Brasil, relata que, a verdadeira história do quilombo havia sido negada na historiografia brasileira, e faz uma crítica ao conceito hegemônico de quilombo, que diz:

O quilombo não é, como a historiografia tem tentado traduzir, simplesmente um reduto de negros fugidos, simplesmente a fuga pelo fato dos castigos corporais, pelo fato de os negros existirem dentro de uma sociedade opressora, mas também a tentativa de independência, quer dizer, a independência de homens que procuram por si só estabelecer uma vida para si, uma organização social para si (NASCIMENTO, 1977, p. 04).

Deste modo, percebe-se que, conforme Chimamanda (2009) que narrou em sua palestra sobre os perigos da história única, e inferiu que a



história da África foi escrita na perspectiva ocidental, e que toda história única é imbricada de poder, “ o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”. Essa “ história única”, sobre os quilombos, que é contada e recontada por séculos na literatura, não considera o conhecimento dos povos subalternizados (classificação atribuída a indígenas e pessoas negras, pela ideologia ocidental), relegando a essas etnias, os epistemicídios e por consequências, a anulação de suas existências.

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta (CARNEIRO,2005, p. 97).

A base da colonialidade se articula em pelo menos quatro eixos: o poder, o saber, o ser e a relação com a natureza (WALSH, 2008). A inferiorização, a subalternização e a desumanização, traduzidas na história da modernidade colonial pela “negação de um estatuto humano para africanos e indígenas”, caracterizam a colonialidade do ser. Essa negação, segundo Walsh (2006), implanta problemas reais em torno da liberdade, do ser e da história do indivíduo subalternizado por uma violência epistêmica.

A minha pesquisa, diante desta contextualização, não se insere no campo de uma disciplina normativa, como descrito por Giannella (2007), “ a visão epistemológica que precisamos não será mais marcada pela



abordagem normativa típica do paradigma positivista, no qual o caminho para a verdade é apenas um é detido por apenas uma categoria de sujeitos (os cientistas)". Desse modo, busco romper com a ciência neutra e objetiva e ancoro a minha caminhada científica em busca de um novo paradigma que contemple outras formas de construção do conhecimento, que abarque outras categorias de sujeitos.

Conforme Santos (2008), em busca de uma democratização do conhecimento científico, vislumbra a emergência de um novo paradigma, o qual denomina de "paradigma prudente para uma vida decente", apto a valorizar as mais variadas experiências humanas e ampliar o acesso ao conhecimento.

Para construir uma alternativa epistemológica, este estudo irá fundamentar-se na oralidade, pela compreensão de que as culturas quilombolas resistem através das memórias externalizadas. Vale salientar que, historicamente, essas comunidades utilizam a voz como instrumento de força e poder. Bâ (1982) faz uma análise sobre a importância da oralidade e sobre o poder que a memória exerce. Para o autor, a memória, além de armazenar as histórias em si, ela também guarda o cenário com toda a simbologia, signos e gestos. E reitera que a aprendizagem deriva das vivências e observações.

[...] Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para [...] esculpir a alma humana [...] Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular do mundo- um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem. (BÂ, 1982, p. 183).

Isso considerado, entende-se que a abordagem utilizada será qualitativa que, conforme Denzin e Lincoln (2011), consiste em "um conjunto de práticas interpretativas que faz o mundo visível". Dessa forma é possível entender que muitos dos aspectos envolvidos em uma pesquisa qualitativa não são controláveis, mas difíceis de serem interpretados, generalizados e



reproduzidos, uma vez que os sujeitos participantes irão agir segundo seus valores, sentimentos, experiências, cultura e outros (TERRENCE; ESCRIVÃO FILHO, 2006).

Para tanto, os procedimentos metodológicos utilizados serão: Levantamento bibliográfico, que será subsidiado durante todo o processo pesquisa, o estudo será feito em pesquisas próximas ao tema deste trabalho, em teses, livros, dissertações, periódicos e internet; Observação, será realizada no campo de pesquisa, e será utilizada como parte importante no desenvolvimento da pesquisa, e será organizada para registrar as informações obtidas durante a sua execução; Entrevista aberta ; esse método de coleta de dados, possibilita a obtenção de dados acerca do comportamento, cotidiano, desafios, tensões e aspectos da identidade cultural; o/a entrevistado/a não necessita saber ler e escrever, isso é um dado importante, pois pode evitar possíveis constrangimentos; oferece a possibilidade de esclarecimentos; permite observar algumas expressões durante a sua execução, através de gestos e voz do entrevistado.

Em consonância com Sandra Harding (1986 e 2004), pioneira desses "aportes epistemológicos", ao sugerir três formas subversivas de se "habitar la investigación" (Cabrera, 2017), descrita por Oliveira e Amâncio (2006)

Primeiro, o sujeito do conhecimento (quer o indivíduo, quer a(s) sua(s) comunidade(s), quer os seus pressupostos ocultos) deve ser colocado no mesmo plano do objecto do conhecimento e questionado como tal, promovendo, pois, uma ciência reflexiva. Uma segunda proposta diz respeito à dimensão política das ciências, dando voz aos que foram silenciados pela ciência mainstream e optando pela implicação política da ciência e pela rejeição da neutralidade aparente. A terceira proposta, intimamente ligada à segunda, diz respeito à clara opção pela ligação entre ciência e democracia, no sentido da promoção dos direitos humanos de todas e de todos. (OLIVEIRA E AMÂNCIO, 2006, p. 606-607).

À vista disso, compreende-se o papel de protagonista dos "sujeitos" da pesquisa, indicando que são eles/as que trilham o caminho da pesquisa e que são os/as autores/autoras da investigação. Esta trajetória investigativa



se dará em perspectiva multidisciplinar por meio dos estudos da memória, pois é através dela que as comunidades tradicionais se retroalimentam e resistem. Desse modo, a natureza do meu estudo se justifica como uma possibilidade de (re) criar narrativas que contribuam para o rompimento da imagem colonizada dos quilombos na contemporaneidade, favorecendo a escrita coletiva de uma trajetória fundamentada nos desafios e tensões vivenciados pelos quilombolas no contexto pós – abolição.

Vale ressaltar que, esse vínculo com a ancestralidade é reverberado através da voz, sendo um instrumento de poder para os quilombolas e símbolo de resistência. A dimensão da importância da transmissão oral é traduzida da seguinte forma:

A memória das pessoas da minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem. Tudo lá estava nos menores detalhes: o cenário, as palavras, os personagens e até as roupas. (...) Para descrever uma cena, só preciso revivê-la. E se uma história me foi contada por alguém, minha memória não registrou somente seu conteúdo, mas toda a cena – a atitude do narrador, sua roupa, seus gestos, sua mímica e os ruídos do ambiente. (BÃ, 2003, p.13).

A busca por uma alternativa epistemológica, se utilizará também das narrativas dos mais idosos da comunidade como fonte de reconstrução da história e da identidade cultural quilombola por meio da memória e da oralidade. Um dos diversos desafios para construção do conhecimento é pensar e repensar com qual conceito de memória vou trabalhar, e neste percurso complexo encontrar um lugar de mediação, e a maneira como irei mobilizar esses conhecimentos por meio da escrita.

Neubern (2000), relata que, “o problema das emoções situa-se nesse ponto, isto é, em como as emoções do observador conectam-se com aquilo que se observa.” Gergen (1996), “ênfatiza que, ao produzir emoções no intercâmbio relacional, a pessoa desempenha um papel num cenário mais amplo, de modo que a expressão do outro torna-se um convite para a



participação em um jogo ou dança cultural em que os envolvidos se comprometem”. Nesta perspectiva o que pretendo é participar dessa dança, e permitir que as emoções me atravessassem e que o conhecimento nasça nesse jogo das emoções,

O que ensejo nesse percurso de desconstrução e rompimento de uma epistemologia que forjou os povos escravizados enquanto seres inferiores e incapazes de construir conhecimentos, e que na contemporaneidade esse projeto ainda está vigente, neutralizando e silenciando conhecimentos que estão fora do nicho ocidental, é poder me despir dessa ideologia dominante de neutralidade.

Uma questão que vou priorizar nessa trajetória é a do enegrecer o campo epistemológico da pesquisa, utilizarei teóricos/as negros/as, como, Beatriz Nascimento, Stuart Hall, Flávio Gomes, Sueli Carneiro, embora eu tenha consciência que trabalharei com teorias de autores/as ocidentais, mas a voz que ecoará com muita força será daqueles/as que escrevem e nos apresentam uma epistemologia decolonial e descolonizada.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO. História Geral da África. v. I –áxima de 10 laudas, Metodologia e Pré-história, BÂ, Amadou Hampaté. Amkoullel, **O menino fola**. São Paulo: Pallas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 31 ago. 2022.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martinsfontes, 2011.

GIANNELLA, Valéria. **O nexo pesquisa-ação: qual conhecimento para que políticas?** In: Gestión Local del desarrollo y lucha contra la pobreza. Aportes para el fortalecimiento de 113 la investigación y las políticas en América Latina. Luiz Carrizo (Editor), Manoel Carbalha Edición. Montevideo, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São



Paulo: Global, 2006. p. 223.

NASCIMENTO, Geomara Pereira Moreno. **Remanescentes do quilombo do fôjo, itacaré ba: identidade étnica, conflitos e acesso as políticas públicas de inclusão produtiva.** 2021. Dissertação (Mestrado programa de pós-graduação em ensino e relações étnico-raciais). Universidade Federal do Sul da Bahia. Itabuna. 2021. Disponível em:file:///C:/Users/HPSEPLAN/Desktop/Memorial_Final_de_Geomara_final_com_ficha_catalogrfica_.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Historiografia do Quilombo.* 1977. In: Beatriz Nascimento, **Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição.** Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018.

NEUBERN, Maurício S. **As emoções como caminho para uma epistemologia complexa da Psicologia.** Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 16 n. 2, Maio-Ago, 2000.

OLIVEIRA, João Manuel; AMÂNCIO, Lígia. **"Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social".** Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3): 597-615, setembro- dezembro/2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Revista Estudos Avançados.** vol.2. n.2. São Paulo. mai/ago.1988.

TERRENCE, A. C. F.; ESCRIVÃO FILHO, E. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais.** In. Encontro Nacional De Engenharia De Produção, 26., 2006, Fortaleza. Anais... Fortaleza, 2006. p. 1-9.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y colonialidad del poder.** Un pensamiento y posicionamiento 'otro' desde la diferencia colonial". In: WALSH, C.; LINERA, A.